vinetur

Heineken sujeita a carteira de vinhos sul-africana a revisão estratégica

A empresa não anunciou qualquer venda, depois de dizer aos investidores que os vinhos estão a ficar aquém das cervejas, bebidas espirituosas e bebidas prontas a consumir

quarta-feira, 4 de novembro de 2026



A Heineken está a reavaliar o lugar dos vinhos na sua atividade na África do Sul, sujeitando a uma revisão estratégica uma ampla carteira que inclui Nederburg e JC Le Roux, depois de ter dito aos investidores que a categoria está a pesar no desempenho global.

A empresa não afirmou que está a vender alguma das suas marcas de vinho sul-africanas. Em vez disso, os executivos disseram que os vinhos estão a ser revistos por apresentarem resultados inferiores aos de outras áreas do negócio. A 28 de outubro, durante a chamada sobre os resultados do terceiro trimestre da Heineken, o diretor financeiro, Harold van den Broek, afirmou que a cerveja estava a ter um forte desempenho na África do Sul, que as bebidas prontas a consumir estavam a correr bem e que algumas bebidas espirituosas também apresentavam resultados sólidos. O vinho, disse, «continua a ser um entrave à carteira».

Van den Broek disse aos analistas que a Heineken estava a ponderar «a relevância do vinho na nossa carteira total de bebidas» e acrescentou que a empresa «não está a tomar decisões precipitadas» sobre o que fazer. Mais tarde, a Bloomberg noticiou que todas as marcas de vinho da Heineken na África do Sul estavam incluídas na revisão. A empresa não revelou que opções está a ponderar e não anunciou qualquer venda.

A revisão surge apenas três anos depois de a Heineken ter concluído um dos maiores negócios do setor das bebidas na África do Sul. Em abril de 2023, a cervejeira neerlandesa concluiu a integração da maior parte da Distell com a Namibia Breweries, criando a Heineken Beverages e dando à empresa uma gama muito mais ampla de produtos, que inclui cerveja, sidra, bebidas prontas a consumir, bebidas espirituosas e vinho.

A integração não foi isenta de dificuldades. Menos de um ano após a conclusão do negócio, a Heineken registou uma imparidade de cerca de 9,17 mil milhões de rands, ou 491 milhões de euros, relativa à atividade. O antigo diretor executivo Dolf van den Brink afirmou mais tarde que o grupo tinha cometido erros em alguns aspetos comerciais. A nova revisão sugere que as questões relativas à composição da carteira e à rentabilidade continuam por resolver, sobretudo no caso do vinho.

A atividade vitivinícola sul-africana abrangida pela revisão é muito maior do que as duas marcas mais conhecidas citadas nas primeiras notícias. Os interesses da Heineken Beverages no setor do vinho no país incluem Durbanville Hills, Pongrácz, Fleur du Cap, Drostdy-Hof, 4th Street, Two Oceans, Graça e Tassenberg, além de Nederburg e JC Le Roux. Dada a amplitude da carteira, a revisão poderá vir a afetar mais do que algumas marcas históricas. Poderá também influenciar a propriedade, as prioridades de investimento e os acordos de distribuição no mercado sul-africano de bebidas, caso a Heineken decida reestruturar o negócio ou encontrar parceiros.

A revisão decorre num período difícil para os produtores de vinho. O setor sul-africano tem enfrentado um consumo mais fraco, pressão sobre as margens e um debate sobre as fontes de crescimento futuro. A Remgro, que tem exposição ao setor, afirmou em notícias anteriores que os volumes de vinhos e bebidas espirituosas sul-africanos caíram acentuadamente durante o seu exercício financeiro de 2025, enquanto ajustava ativamente a carteira num mercado competitivo. Mais tarde, indicou que a quebra nos vinhos se concentrou sobretudo no segmento de entrada do mercado local.

Este contexto alimentou o debate sobre se a decisão da Heineken diz mais sobre a situação do setor vitivinícola sul-africano ou sobre as prioridades de uma empresa global de bebidas. Algumas vozes do setor defenderam que a revisão deve ser entendida como um sinal de alerta sobre as condições locais, incluindo a fraca rentabilidade dos produtores, a pressão fiscal, o álcool ilícito e a redução da área de vinha. Outras apontaram antes para tendências globais mais amplas, como o abrandamento do consumo de álcool, a pressão sobre a procura de vinho e o excesso de oferta em alguns mercados, bem como para as opções da própria empresa em relação à carteira.

O que parece mais claro é que a Heineken está a avaliar o vinho em comparação com categorias de crescimento mais rápido dentro do mesmo negócio. A cerveja e as bebidas prontas a consumir deram recentemente ao grupo um maior impulso na África do Sul, enquanto o vinho não igualou esses retornos. Assim, a revisão é tanto uma questão de afetação de capital como uma apreciação da qualidade ou da reputação dos vinhos do país.

Os prémios recentes reforçam essa distinção. Em setembro de 2026, cerca de seis semanas antes de a revisão se tornar pública, a Heineken Beverages foi distinguida como Melhor Produtor na prova de verão da Mundus Vini, com contributos de Nederburg, Durbanville Hills e Zonnebloem. No início de 2026, a carteira de vinhos do grupo também obteve resultados expressivos no Investec Trophy Wine Show. Estes resultados sugerem que a qualidade dos produtos não está no centro das atuais deliberações da empresa.

A questão laboral e o interesse público também estão em causa, uma vez que a operação com a Distell ficou sujeita a condições regulamentares. Quando o Tribunal da Concorrência da África do Sul aprovou a fusão entre a Heineken e a Distell, em março de 2023, impôs compromissos relacionados com o emprego, um plano de participação dos trabalhadores no capital, fornecedores locais, transformação e proteção dos trabalhadores. Essas condições não determinam o que aconteceria em caso de uma futura reestruturação ou alienação, mas fazem parte do contexto em que investidores e intervenientes do setor ponderam o possível impacto da revisão no emprego e nos ativos locais.

Para o setor das bebidas em geral, o que está em jogo vai além do vinho. As operações da Heineken na África do Sul abrangem várias categorias de bebidas alcoólicas, e qualquer alteração na forma como a empresa gere os seus ativos vitivinícolas poderá mudar a distribuição de capital, espaço nas prateleiras, esforços de venda e redes de distribuição entre cerveja, vinho, bebidas espirituosas e bebidas prontas a consumir. É uma das razões pelas quais a revisão está a suscitar atenção para além do setor do vinho.

Até agora, porém, a posição pública da empresa mantém-se circunscrita. A Heineken afirmou que o vinho está sujeito a uma revisão estratégica e que não está a agir precipitadamente. Não anunciou qualquer venda, não apresentou um calendário formal e não indicou se o processo levará a novos investimentos, a uma reestruturação, à entrada de parceiros externos ou à alienação de ativos.